



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/).

Fascículo Disciplina: Usando as Mídias Digitais em Sala de Aula

Docente: Prof. Dr. Benedito Dielcio Moreira

Nessa terceira unidade vamos trabalhar de forma mais prática. Antes, porém, de iniciar com propostas de trabalhos com diferentes mídias e até com produtos transmídias, eu gostaria de agradecer aos participantes dos fóruns, as discussões que fizeram e as ideias que trouxeram. Uma proposta de trabalho colaborativa começa sempre com a nossa disposição de participar, de doar parte de nosso tempo, de compartilhar as ideias que temos. Muito obrigado.

Vamos trabalhar nesta unidade com algumas ideias. E não se preocupe se você não sabe editar um vídeo, por exemplo. Os seus alunos sabem e podem ser parceiros. Mas se for de seu interesse aprender, vai conseguir. O que importa é saber o que você quer e o que gostaria de desenvolver em conjunto de seus alunos. Se tem clareza para onde quer ir e onde quer chegar, é só fazer o que está acostumado ou acostumada a fazer: agir como uma maestrina ou maestro.

De um maestro espera-se a capacidade de orquestrar uma determinada interpretação musical. Então, para organizar um produto midiático, seja ele impresso e audiovisual, basta combinar com os alunos o que vai ser interpretado, estabelecer as responsabilidades de cada e iniciar os primeiros acordes. E acredite, as crianças sabem fazer e, se não souberem, sabem como aprender e onde conseguir informações.

Agora, é importante combinar antes com os alunos, acertar os detalhes, deixar o grupo se organizar, com cada integrante emprestando à “música” a cara de seu talento. Cada aluno com suas preferências e habilidades: quem gosta de escrever, escreve, quem gosta de fotografar fotografa, quem gosta de interpretar, interpreta. Não é raro, inclusive, nos surpreender com alunos que gostam de filmar, fotografar, editar e escrever.

Vou apresentar aqui algumas ideias. Seria muito interessante se você pudesse aplicar uma ou todas as ideias em sua sala, com seus alunos. Como

você julgar melhor. Como disse antes, se você neste momento não está em sala de aula, combine com um professor ou professora e trabalhe juntos. Experimente. Tenho certeza que vai se surpreender com os trabalhos finais.

E lembre-se que, quanto mais colaborativo, isto é, com cada um fazendo sua parte, como em uma orquestra, melhor será o resultado. Esse modelo transmídia que vamos apresentar aqui tanto valoriza o talento individual quanto agrega o talento individual à força do coletivo. Então vamos lá! Começamos com o texto informativo, depois passamos para a escrita criativa e, em seguida, falamos de fotografias e vídeos. Ao final, conectamos tudo em um produto transmídia, com a construção coletiva do projeto.

Para organizar os passos que vamos dar, primeiro falo um pouco da escrita informativa, depois da escrita criativa, em seguida de imagens paradas (fotografia) e de imagens em movimento (vídeos). E para concluir apresento uma proposta de trabalho coletivo, colaborativo e transmídia.

Escrita Informativa

O domínio deste modelo de escrita foi o que mais me surpreendeu nos mais de 15 anos de experiência na condução de projetos na interface da Comunicação e Educação. Primeiro, porque os jovens entenderam o modelo de texto informativo como uma grande descoberta. Segundo, porque auxiliou no desafio da escrita. Terceiro, porque os ajudaram a entender um dado acontecimento. Quarto, porque permitiu muita conversa entre os amigos. Em quinto, porque serviu para aproximar alunos e professores. E, por último, o mais gratificante dos motivos, foi que esse aprendizado permitiu a inauguração para uns, ou a ampliação para outros, de uma interlocução com os pais sobre o que acontece no mundo.

Destaco esses seis motivos porque eles atendem àquilo que todos nós buscamos: alunos mais leitores, mais críticos, com gosto pela escrita, mais informados, com temas contemporâneos mais presentes em suas conversas e mais interlocução com pais e professores. Um dos alunos contou que quando assistia a um jornal televisivo com seus pais interpretava para eles as notícias com base no modelo usado pelos jornalistas para definir o que é uma notícia, isto é, o seu caráter de noticiabilidade, ou seja, se um tal acontecimento merece ser noticiado, se tem valor informativo relevante. É o que vamos tratar agora.

Primeiro, quando um jornalista olha para um acontecimento, ele sempre pergunta O QUE aconteceu, QUEM esteve envolvido, ONDE aconteceu, QUANDO aconteceu, COMO aconteceu e o PORQUÊ do ocorrido. Sabemos que eventos semelhantes não tem o mesmo valor de notícia, pois depende de onde aconteceu, quem esteve envolvido e o que exatamente ocorreu. Vejamos um exemplo: um jogo final entre os dois melhores times de uma pequena cidade do interior, embora um acontecimento relevante para os moradores, não tira o espaço midiático que será dado pelos meios de comunicação a uma final entre dois grandes times das principais capitais do país.

Mas seja no principal canal de televisão ou no principal jornal do país, ou no jornal mensal da pequena cidade, a informação traz sempre:

O QUE aconteceu;
QUEM esteve envolvido;
ONDE aconteceu;
QUANDO aconteceu;
COMO foi o acontecido;
O PORQUÊ do ocorrido.

A este conjunto de informações é chamado no vocabulário da área jornalística de Lead. E são estas as mesmas perguntas básicas que aguçam a curiosidade do jornalista para a apuração dos fatos e para orientar a escrita jornalística.

Como assim?, você pode estar se perguntando!

A redação de um jornal recebe a informação de que está ocorrendo um incêndio em uma área de preservação, por exemplo. Começa a correria. O secretário de redação localiza um jornalista da equipe e passa a pauta. O jornalista liga para os bombeiros e pergunta: o que está acontecendo, onde, qual região, quando teve início, como ocorreu, vocês já sabem a provável causa?

Quando ele acabar de apurar todas as informações disponíveis, vai imediatamente iniciar o texto, que deve conter as respostas a essas seis perguntas, já no primeiro parágrafo. Nos parágrafos seguintes, o redator opta por colocar as respostas mais relevantes no segundo parágrafo até a menos relevante, segundo os mesmos critérios de relevância e noticiabilidade. Vejamos um exemplo:

A aluna Maria Aparecida Silva (QUEM), do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Antônio Silva, de Cuiabá (ONDE), vence em primeiro lugar a XXX Olimpíada Brasileira de Matemática, de 2018 (O QUE). O anúncio da vencedora ocorreu ontem em Brasília, durante de apresentação dos três principais colocados (QUANDO). Depois de ser a campeã em seu estado, Mato Grosso, enfrentou 23 outros classificados, um de cada estado, superando, Maria Aparecida vence todos os seus concorrentes, muitos deles mais velhos do que ela, com nota final superior a dois pontos acima do segundo colocado (COMO). Para o professor Euclides de Alexandria, tutor da aluna, as principais razões que a levaram à vitória foram a “sua disciplina, o incentivo da família e dos amigos, além da disponibilidade da escola e dos professores, sempre prontos a auxiliar a Maria Aparecida nesta caminhada”, afirmou (O PORQUÊ).

Daí em diante, podemos escolher a continuidade do texto escrevendo mais sobre a aluna e o professor (QUEM), no parágrafo seguinte sobre o COMO, detalhando o processo de estudo da aluna e de cada conquista na cidade, no estado e no Brasileiro. O PORQUÊ, vem em seguida, com todo o envolvimento familiar e da escola, ouvindo pais, amigos e professores. Na sequência vem o ONDE, com mais informações sobre a escola, a cidade e o estado. Para terminar o texto, o redator explora mais O QUE, contando um pouco da história das olimpíadas, assim como o QUANDO, destacando detalhes do evento.

Chamo atenção para o fato de que esta sequência não é fixa. Depende das informações que temos à mão. Se a escola fosse campeã costumeira de olimpíadas, o que atesta um fato altamente relevante, merece destaque o ONDE. Por exemplo: - “Mais uma vez, no sétimo ano consecutivo, a Escola Estadual Antônio Silva faz de um de seus alunos o grande vitorioso da XXX Olimpíada Brasileira de Matemática, de 2018”. Se a aluna for de uma escola pública, em um pequeno município, o QUEM assume uma dimensão importante. E assim por diante, sempre a informação entendida como mais relevante primeiro, até a menos importante.

Um excelente exercício para fortalecer a leitura e a escrita é levar algumas notícias para a escola. Nesses textos os alunos vão identificar as seis perguntas básicas e a sequência de importância adotada no texto pelo redator. Esse exercício é gratificante para os alunos, pois é repleto de descobertas, e uma fonte rica de debates: aflora opiniões e valores. Outra razão para adotar esse exercício é a identificação do grau de importância que pode ser dado no texto pelos alunos. Com isso conhecido, ele poderia reescrever o texto usando como critério o seu sistema de importância.

Para encerrar, veja a utilidade desse modelo: 1. O professor pode adotar esse modelo de texto para informar a comunidade escolar sobre o acontecido e sobre o que vai acontecer na escola; 2. Pode abrir uma rede social para publicação desses textos; 3. Pode com esses textos montar a história da escola e da comunidade do entorno da escola. Sem falar na prática da leitura e da escrita. No último tópico desta Unidade “Construindo Coletivamente o Projeto” voltamos a tratar sobre este tema.

A Escrita Criativa

A escrita criativa também pode ser trabalhada com essas seis perguntas básicas: O QUE, QUEM, QUANDO, ONDE, COMO e POR QUE. Agora, ao invés de buscar nos acontecimentos reais as informações para construir o texto, como é o caso do jornalismo, o aluno pode imaginar as respostas a estas perguntas e com base nessas respostas construir uma história ficcional.

Essas perguntas são estimulantes, provocativas, funcionam como uma espécie de acelerador da imaginação. Ao invés de ficarmos esperando a ideia chegar, como se a inspiração caísse do céu - já sabemos, não é assim que funciona, trabalhamos para a inspiração acontecer. Quanto mais detalhadas as respostas, mais empolgante fica a história. Quanto mais personagens, mais complexa fica a narrativa.

Esse modelo de escrita criativa fica mais atrativo para os alunos se fizer parte de um complexo de histórias em que todos da classe estarão envolvidos, e cujo produto final vai depender de cada um. É o caso de um projeto transmídia, envolvendo saberes escolares, saberes populares, da população, com textos

informativos, criativos, vídeos, áudios e fotografias. Mais à frente, nesse texto, trago um exemplo de um projeto transmídia.

Para voltarmos às seis perguntas básicas, e em se tratando de um projeto mais complexo, transmídia, envolvendo a sala toda, pode-se trabalhar a escrita criativa em contextos interdisciplinares previamente definidos. Vejamos um exemplo: sabemos que no período do Barroco, na Europa e no Brasil, a arte sacra mostrou toda a sua pujança. Conhecer um pouco esse cenário é passar pelo Renascentismo, pelo tráfico de escravos, pela exploração das riquezas das terras colonizadas, enfim trata-se de um cenário altamente inspirador. Nossa história, portanto, pode ocorrer nesse cenário histórico, seja ela um mistério, suspense, romance, aventura, o que o aluno desejar.

O grau de complexidade vai depender da turma, da idade e do ano escolar. O professor sabe fazer este ajuste, adaptar uma história ao contexto em que trabalha. Como seria interessante um grupo de jovens viajando no tempo e travando uma conversa com Aleijadinho, e com ele discutir diferentes temas. Ou mesmo um jovem aventureiro e sua equipe de arqueólogos em busca de tesouros barrocos enterrados nos subterrâneos de Congonhas. Pode ser também uma história de um casal de jovens apaixonados. Temas não faltam.

A título de exemplo, podemos seguir diferentes planos, temáticas, tramas. Essa definição surge geralmente no pensar-fazer. Imagino agora um caminho criativo para alunos do Ensino Médio:

O QUE: A história de um jovem artista, ignorado e perseguido pelas autoridades da época

ONDE: Em Ouro Preto e Congonhas

QUANDO: No período Barroco, no tempo de Aleijadinho, depois do ano de 1780

QUEM: José, um jovem artista Barroco e grafiteiro.

COMO: Impedido de pintar muros e paredes, perseguido pela polícia da época e apaixonado pela filha do mandante da região, descobriu túneis secretos entre as cidades de Congonhas e Ouro Preto, onde se esconde e pinta, de onde saía para grafitar muros, encontrar a namorada, buscar alimentos e visitar familiares. Cada saída um risco, uma aventura, um capítulo de uma vida.

PORQUE: de família pobre, insurgente, contestador e revolucionário. Dizem que seu pai era seguidor de Tiradentes.

Gostaria de dizer com este exemplo que o próprio conteúdo escolar é de uma inspiração extraordinária. Manter uma atmosfera criativa em sala de aula favorece o desenvolvimento de um ambiente promissor para a criatividade, autonomia e engajamento em projetos. É claro, repito mais uma vez, tudo pode ser adaptado à idade e ano escolar dos alunos, assim como a produção do conteúdo.

Gostaria aqui de registrar um exemplo muito rico em nossa experiência. Em uma escola da zona rural, na região do Pantanal, desenvolvíamos aos sábados pela manhã um projeto de produção audiovisual. Trabalhávamos com os alunos a produção textual do roteiro de uma história que eles gostariam de fazer, envolvendo a comunidade e personagens da localidade. Poderia ser ficcional, entrevista, em forma de documentário, o que eles desejassem.

À época, 2010, ainda não existia a abundância de celulares que temos hoje. Os alunos usavam pequenas câmeras que levávamos para desenvolver o projeto. Durante três sábados, depois de discutidos o formato textual de um roteiro, tentamos em vão que os alunos escrevessem os roteiros das histórias que gostariam de contar. Imaginávamos que tivessem dificuldade com a escrita, que não gostassem de mostrar a letra, geralmente uma caligrafia assimétrica, com “garranchos”, como se dizia na minha época (A minha escrita é assim ainda hoje). Enfim, por alguma razão o texto não emergia. Pedíamos para que contassem oralmente como seria a história. Alguns falavam, outros não, mas o texto não acontecia.

Em um dado momento, tivemos a ideia de entregar as câmeras para as equipes, mesmo sem os roteiros, deixando por conta deles o desenvolvimento dos trabalhos. Quando retornamos, no sábado seguinte, todos tinham filmado, moradores foram entrevistados e estavam prontos para montar os vídeos. Mas, e os roteiros? Sem planejar em equipe a linha da história, sem um trilho, é isso o que é um roteiro, um trilho, um caminho a ser seguido na montagem, não há como prosseguir: como organizar 60 minutos de imagens e falas em um vídeo de quatro minutos?

Era preciso fazer o roteiro. E aconteceu. Em menos de uma hora as equipes se reuniram, decidiram o que fazer e apresentaram os seus roteiros. Percebemos, então, naquele momento, que o problema não era exatamente a feitura do texto, mas o desenvolvimento de um novo modo de pensar, diferente

do modo em que fomos educados. Eles tinham desenhados em suas mentes o que fariam e precisavam antes fazer. Uma vez feito (filmado e entrevistadas as pessoas escolhidas), escrever deixou de ser um problema. Mais tarde perceberam que com o roteiro antecipado, a coleta de imagem e de falas era mais efetiva, assim como a montagem se tornava mais fácil e rápida.

Em outro projeto, já em 2015, descobrimos que escrever era um dos grandes prazeres dos alunos, principalmente porque seus textos eram lidos e corrigidos imediatamente, com cada um acompanhando a correção de seu texto, e depois compartilhados com a turma.

Fotografia e Vídeos: Imagens e a Produção de Textos

Aqui, dou início a uma proposta de uso de imagens como elemento de documentação escolar e de saberes da comunidade, bem como de geração de histórias familiares, da escola e do cotidiano da comunidade. E o mais interessante, a possibilidade de um projeto dessa ordem se transformar em um projeto de escrita encantador.

Com a força e a ubiquidade da cultura audiovisual, a destreza em usar um celular, conhecimento dos aplicativos ideais para cada atividade e compatíveis com a tecnologia de cada dispositivo, tempo e disposição para aprender - quesitos em que nossos alunos estão sempre à nossa frente, torná-los nossos aliados no processo de ensino-aprendizagem é o nosso desafio.

Utilizo como exemplo as disciplinas de Química e Física voltadas para o sétimo ano do Ensino Fundamental: substâncias químicas presentes na terra e o Sistema Solar, respectivamente. Após apresentar aos alunos as principais substâncias químicas e os elementos constitutivos do Sistema Solar, o professor pode solicitar que os alunos pesquisem e fotografem com o seu celular as substâncias aprendidas, bem como os elementos constitutivos do Sistema Solar.

Uma vez tudo fotografado ou capturado na Internet, o professor pede aos alunos uma legenda para as fotos, de uma ou duas linhas, que explique o conteúdo da foto. A legenda deve ser sempre corrigida antes pelo professor. Além da legenda, o aluno deve indicar de onde foi extraída a imagem: do livro didático, de um site etc. Segue abaixo um modelo.

BRONZE



Busto em bronze de Albert Einstein. O bronze é uma liga metálica feita a partir da mistura de dois elementos, o cobre e o estanho.

Imagem disponível no site Absolut Arts. Disponível no Endereço: https://www.absolutearts.com/sculpture_bronze/felix_velez-albert_einstein_bronze_bust-1487800925.html

Uma vez capturadas as imagens, devidamente legendadas e fonte identificadas, o aluno pode montar um *book* fotográfico com uma história de substâncias químicas puras e misturadas, assim como na física com imagens dos planetas, asteroides, meteoros, meteoritos e outros elementos que compõem o Sistema Solar.

Para montar este book, basta usar o aplicativo VIVA VÍDEO. Pode ser outro. Os alunos conhecem vários. Se você não sabe usar, não se preocupe. Os alunos sabem. E se não conhecem, aprendem de um dia para o outro. E sempre tem alguém na sala mais desenvolvido e vocacionado para este aprendizado. Ele pode, convidado pelo professor, ajudar quem não sabe. Lembre-se, para problemas técnicos e tecnológicos eles sempre tem respostas, ou conhecem quem tem.

Você pode sugerir, inclusive, que algum aluno ou aluna grave um vídeo apresentando o trabalho e o grupo e inserir essa gravação no início do book. Mais ainda, pode pedir que seja feito um texto para uma narração em *OFF*, quer dizer, enquanto as imagens vão se movimentando com as respectivas legendas, o narrador ou narradora dá mais detalhe. Esse texto em *OFF* deve ser devidamente corrigido antes da gravação. Esse trabalho pronto significa que houve pesquisa, estudo em conjunto e escrita colaborativa. Com esse material pronto, a aula do professor pode ser invertida, isto é, os alunos são responsáveis pela aula nesse dia, explicando as substâncias, as fórmulas, misturas, no caso da Química, ou o Sistema Solar, para a Física.

Ao final, em uma lâmina, que chamamos de ficha técnica, coloca-se o nome dos alunos, da turma, do professor, da escola e uma lista com as fontes de onde foram tiradas as imagens. Por exemplo:

Busto em bronze de Albert Einstein: Imagem publicada no site Absolut Arts.

Endereço: https://www.absolutearts.com/sculpture_bronze/felix_velez-albert_einstein_bronze_bust-1487800925.html

Assim, ao mesmo tempo em que estudam química ou física, ou o conteúdo de qualquer outra disciplina, os alunos aprendem a respeitar os direitos de imagem, de criação e de autoria.

Para terminar, montar vídeos para os alunos não é um problema. Mas, se por acaso isso for, caso eles não saibam como editar, peça a ajuda de um professor ou até mesmo de um aluno de outra turma. Aprender com as mídias digitais é um exercício fantástico. A sugestão de uso do VIVA VÍDEO para editar tanto imagens em movimento (vídeos) quanto para fotos (imagens paradas) foi bem aceita pelos alunos com os quais trabalhamos. Mesmo aqueles que usavam outro aplicativo, quando conheceram a nossa sugestão acharam mais simples e fácil de usar.

Agora apresento uma proposta de como construir com os alunos um projeto transmídia de uso das mídias digitais, especialmente celulares e *tablets*, em que o trabalho colaborativo entre alunos e entre alunos e professores é o grande acontecimento em sala de aula. Trabalho uma ideia a partir do ensino de Literatura, interdisciplinar, que pode ser aproveitada por todas as disciplinas. O Start poderia ser em química, em física, matemática, depende da formação do professor que for coordenar o projeto.

Construindo coletivamente o projeto

Em primeiro lugar você pode cuidar do projeto isoladamente, quer dizer, só você e a sala, como pode fazer parceria com outros professores e realizar um projeto interdisciplinar. Vou conduzir esta proposta imaginando um trabalho interdisciplinar, mas em um modelo intermediário, ou seja, você decide com os alunos o que fazer, e convida um ou mais professores para auxiliar os alunos na produção e revisão do conteúdo, quer dizer, no que diz respeito à área de conhecimento de cada um dos professores disposto a participar. Por exemplo: um trabalho de literatura envolve um tempo específico (contexto histórico), envolve um local (Geografia, população), envolve matemática, enfim, envolve qualquer disciplina que julgarmos importante. Ou aquela do professor quer se mostrou disposto a participar.

Uma vez vencida esta etapa de organização, com a sala e com outros professores, vou sugerir aqui, como já dito, um projeto capitaneado pela Literatura, mas você pode pensar em sua área de conhecimento e planejar um tipo de organização semelhante, até porque você domina a sua área e sabe como melhor conduzir um projeto.

Passo 01 - Professores

Em literatura, vamos pensar na segunda fase do Modernismo. Nesta fase, que ocorreu entre 1930 e 1945, foram revelados nomes como Carlos Drummond de Andrade, José Américo de Almeida, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Clarice Lispector e muitos outros.

Nesse período histórico, após a Grande Depressão de 1929, nos Estados Unidos, marcado por governos populistas e ditatoriais, tempo de governos centralizadores e poderosos, despontava no Brasil a Era Vargas (1930-1945), colocando um fim na chamada política do “café com leite”.

Enquanto no Brasil se desenhava também um governo populista e autoritário, na Alemanha surgia Adolf Hitler, na Itália ganhava força Benito Mussolini, no poder desde 1922. Na Espanha, outro ditador, Francisco Franco chegava ao poder em 1937, Josef Stalin comandava a Rússia (1929-1953),

Antônio de Oliveira Salazar mandava em Portugal (1932-1968), entre outros ditadores e populistas.

Também nesse mesmo período, a matemática conheceu os seus limites, quando em 1931 Kurt Gödel discute verdades matemáticas e a dificuldade de sua demonstração por meio de axiomas, ou a invenção do radar em 1935, da energia nuclear em 1942, do computador em 1946 e da televisão em 1947. Para estudos de Sociologia do futebol, em 1933 esse esporte ganha o status de profissional, em 1940 era inaugurado o estádio do Pacaembu, em São Paulo.

Por conta da Segunda Guerra, alguns clubes tiveram que nacionalizar os seus nomes, como é o caso do Cruzeiro de Belo Horizonte, Palmeiras e São Paulo, de São Paulo. Enfim, o que quero dizer é que se um professor de química se interessar pelo projeto, ele pode buscar os acontecimentos de sua área importantes nesse período e ajustá-los ao projeto. O mesmo pode ocorrer com o professor de física, no caso da energia nuclear, ou mesmo de matemática, por conta da impossibilidade de demonstração de certas verdades, ou pela descoberta da análise multivariada e o consequente domínio da estatística.

Passo 2 – Alunos

O que não falta são estímulos para juntar um ou mais professores em um empreendimento de fôlego, divertido, estimulante e inovador. Já para os alunos, vão faltar motivos para não fazer. É o que eles querem, pois trata-se de uma forma de deixar a aula mais atrativa e mais próxima do mundo deles.

Passo 3 – Definição das equipes, temas e formato midiáticos

Este é o momento mais esperado, mais conturbado, por isso encantador. Pensando em um projeto modernista, de 1930 a 1945, e contando com o apoio de professores de história, física, sociologia, geografia e matemática, e sob a perspectiva de uma produção transmídia, proponho o seguinte arranjo: Para uma sala de 40 alunos, são formadas 10 equipes de quatro alunos cada uma. Cada equipe deverá produzir dois textos, criativo ou informativo, dois vídeos e dois *books* fotográficos. Ao total, serão produzidos 20 textos, 20 vídeos e 20 *books*. Todos publicados em um blog, o da escola ou criado para esta finalidade.

IMPORTANTE:

Você não precisa começar o projeto desse modo proposto. O que aqui apresento é como ele pode terminar, em um trabalho orquestrado. Pode começar só com textos, depois com vídeos, somente com a sua disciplina. Enfim, você é o maestro que vai comandar um grupo de “músicos experientes”, pelo menos no uso das tecnologias. Agora, por meio de seu projeto, vão se transformar em criativos, produtores de conteúdo.

Divisão de Tarefas

Depois de formadas as 10 equipes e acordado com todos os alunos quais as peças serão produzidas, dividir os temas entre as equipes será também outra tarefa hercúlea, mas igualmente gratificante. Isso feito, apresento aqui, a título de exemplo, como poderiam ser organizadas quatro equipes, contemplando todas as áreas convidadas.

Equipe 1:

1 Vídeo, entre dois e três minutos, apresentado por um aluno ou aluna, contando O que foi a segunda fase do modernismo e o contexto histórico e político do movimento no período de 1930 a 1945.

1 Vídeo, entre 2 e 3 minutos, lembrando o que foi o movimento modernista na sua primeira fase

1 Texto informativo sobre o que foi o modernismo na segunda fase, quais são os autores e principais obras

1 Texto criativo inspirado nas temáticas do movimento

1 Book fotográfico do estádio do Pacaembú, na inauguração e nos dias hoje. (Lembre-se, devidamente legendado e referenciado)

1 Book fotográfico sobre imagens das duas explosões nucleares na Segunda Guerra

Equipe 2:

1 Vídeo com a interpretação por um aluno ou aluna de um poema de Carlos Drummond de Andrade

- 1 Vídeo contando quem foi Carlos Drummond e sua obra
- 1 Texto informativo sobre o que existia no bairro onde está a escola nesse período, ou mesmo sobre a cidade. Pesquisar em arquivos, ouvir moradores antigos etc.
- 1 Produzir um texto criativo sobre lendas ou contos que existem na cidade. Os moradores antigos conhecem e podem ajudar
- 1 Book fotográfico com imagens desta época da cidade, da escola, se existirem, e imagens atuais do bairro, da cidade, da escola.
- 1 Book fotográfico com fotos antigas dos moradores. Todos nós guardamos fotos de nossos familiares. Podemos buscar as famílias mais antigas e documentar com imagens fotografadas pelos celulares dos álbuns das famílias.

Equipe 3

- 1 Vídeo. Entrevista com um morador antigo, que pode contar como era a região nesse período
- 1 Vídeo contando o que significa estatística, que inventou e para que serve
- 1 Texto informativo sobre este projeto, quem está participando, onde está sendo desenvolvido, quanto tem vai durar, como foi organizado e porque foi montado
- 1 Texto criativo e ficcional de uma história acontecida nesse período
- 1 Book fotográfico com as roupas usadas pelas pessoas naquela época
- 1 Book fotográfico sobre as construções históricas na região, erguidas neste período.

Equipe 4

- 1 Vídeo sobre o contexto da Era Vargas
- 1 Vídeo sobre os contextos históricos do período em Portugal, Espanha, Itália, Rússia e Alemanha
- 1 texto informativo sobre o que foi a Depressão de 1929, que culminou nos governos populistas e ditatoriais
- 1 Texto criativo sobre uma história ocorrida na época, com os autores do modernismo
- 1 Book fotográfico sobre os principais autores do Modernismo em sua segunda fase

Um book fotográfico dos pais e ditadores da época: Brasil, Espanha, Portugal, Itália, Alemanha e Rússia

Síntese

Esse modelo é apenas um exemplo de como podemos utilizar as mídias digitais para pesquisar, aprender, produzir conteúdo e compartilhar o resultado com a comunidade. Como falamos em dez equipes, você pode por este modelo definir as outras sete, sempre contemplando a produção transmídias, ou seja, a mesma temática: moradores antigos, por exemplo, serão contemplados em vídeo, em texto e em fotos.

Moradores antigos falando dessa época, o contexto histórico, como era a escola, o bairro e a cidade, como eram o Brasil e os principais países, o que foi o modernismo em sua segunda fase e como se desenvolveu e seus personagens formam um contexto rico e transmídia, cujo resultado final pode ser apresentado para os moradores e para a comunidade escolar.

Caso você queira sofisticar a produção, o que acho muito bom, você pode tornar os vídeos como se fosse uma minissérie, um documentário contado em 10 capítulos. Para isso, basta algum aluno gravar o que chamamos de “cabeça”, um curto vídeo em que ele conta o que aconteceu no episódio anterior e o que o espectador vai conhecer neste vídeo. Como também gravar um encerramento, contando o que virá na sequência.

O mesmo procedimento pode ser feito para coletânea de textos criativos e para dossiê de textos informativos sobre a época, assim como para os books fotográficos.

Espero que com isso eu tenha inspirado você para o uso das mídias digitais em sua turma. Mais importante: você não precisa dominar todas as mídias, nem saber como se edita um filme. Repito: os jovens alunos sabem. Então é o seu saber com o deles, construindo de forma colaborativa, criativa, conteúdos que resultam do aprendizado, da pesquisa e da autonomia em criar e documentar.